

Amalia Schoppe e a emigração alemã para o Brasil no conto *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*¹

Gerson R. Neumann

German immigration to Brazil starts in the 19th century. In Brazil, the German Immigration Literature has already been a subject of many studies. Nevertheless, what was produced in Germany during the period of the great emigration by the land people of these emigrates is still unknown by the Brazilian people and also by the German folk. This article shows the results of a careful bibliographic research, that was made in German libraries and archives. In this article there is an important work: one narrative from Amalia Schoppe, *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. They present interesting aspects about Brazil and about Germany at the e(i)migration context in the 19th century.

Keywords: German immigration; literature; Brazil; Amalia Schoppe.

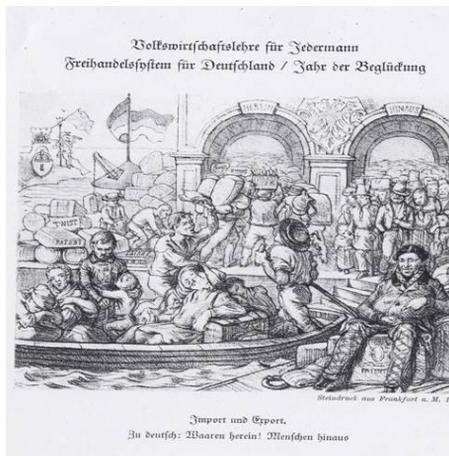
1 Introdução

A temática da e(i)migração é bastante diferente no nosso tempo, se comparada à européia do século XIX, quando milhares de alemães, e europeus, deixaram seus países à procura de melhores condições de vida em outras partes do mundo. No presente texto interessa-nos especificamente a temática da emigração alemã para o Brasil. Hoje são imigrantes de outras partes do mundo, principalmente de países africanos, asiáticos e das Américas, que procuram melhores condições de vida na Europa e em outros países em melhor situação. A História sempre nos oferece uma leitura do passado, a partir da qual muitas vezes é possível constatar erros cometidos, o que deveria evitar, a princípio, que eles se repetissem. Também textos literários, resultado de tentativas de pessoas contemporâneas a esses eventos – no caso do evento da emigração alemã para o Brasil – possibilitam ao leitor moderno uma (re)-leitura de registros de determinado contexto histórico, mesmo em se tratando de textos ficcionais. Quando os primeiros imigrantes alemães rumavam para o Brasil, uma escritora do norte alemão fixou tal iniciativa na forma de um conto, ainda pouco conhecido do público brasileiro. Trata-se de Amalia Schoppe, que escreveu o livro *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (em português: Os emigrantes para o Brasil ou a cabana junto ao Gigitonhonha), publicado em 1828, em Berlin, pela editora e livraria de C. F. Amelang.²

A seguir pretendemos, em primeiro lugar, apresentar ao público brasileiro a autora Amalia Schoppe. Em segundo lugar, a obra ficcional de Amalia Schoppe que tematiza a emigração de alemães para o Brasil. Nesse momento será apresentado o enredo da obra. Num terceiro momento, serão apresentados dois aspectos de análise da obra de Amalia Schoppe: a – A imagem de Brasil dos futuros imigrantes alemães;

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3316 7303; Tel: 0055 51 3316 6696; e-mail: gerson.neumann@gmail.com

b – O brasileiro na visão dos emigrantes alemães.



2 A autora

Amalia Emma Sophie Katharina Schoppe (nascida Weise)³ nasceu no dia 7 de outubro de 1791 na cidade de Burg na ilha Fehmarn, no norte da Alemanha. Ainda criança é enviada a Hamburgo para estudar. Em 1814 casa-se com o advogado Schoppe, do qual se separa sete anos depois, em 1821. Torna-se, juntamente com Fanny Tarnow, fundadora e diretora de uma escola para meninas em Hamburgo. De 1842 a 1845 vive em Jena, mas regressa a Hamburgo e em 1851 emigra para os Estados Unidos, onde vive seu filho. Lá ela continuará a sua vida cultural sempre muito ativa e sua dedicação ao projeto educacional, sendo fundadora de uma escola para crianças alemãs. No dia 1 de outubro de 1858, Amalia Schoppe morre em Schenectady, próximo a New York, nos EUA.

A larga vida produtiva de Amalia Schoppe inicia em 1822, quando ela publica contos, entre outros *Abendstunden der Familie Hold* (1823), *Die beiden kleinen Seiltänzer* (1835), e romances históricos, como por exemplo *Tycho de Brahe* (1839) e *Polixena* (1844). Amalia Schoppe é uma pedagoga muito ativa durante toda a sua vida, atuando, principalmente, como educadora e escritora. Além de seus livros de cunho moral, Schoppe publicou também importantes obras para a escola: em 1830 ela publica uma cartilha para o lar e para a escola a partir de um método melhorado e em 1832 uma cartilha para a parede (*Wandfibel*). De 1827 a 1846 é redatora da revista *Pariser Modeblätter* (Hamburg), a partir de 1827 da *Iduna. Zeitschrift für die Jugend beiderlei Geschlechts* (Hamburg e Altona) e de 1847 a 1851 da *Cornelia. Taschenbuch für deutsche Frauen* (Darmstadt). Além disso, contribui para diversas revistas, entre elas para a *Morgenblatt für gebildete Stände* (Stuttgart/Tübingen) e *Morgenblatt für gebildete Leser* (Stuttgart/Tübingen), para as quais ela envia poesias e contos.⁴ Importante para a época foi, contudo, o seu método feminino para a escrita de cartas: *Briefstellering für Damen* (1834), que era parte indispensável nos lares das famílias alemãs bem situadas da segunda metade do século XIX.⁵

Relevante é também a participação de Amalia Schoppe na formação do futuro dramaturgo alemão Friedrich Hebbel. Ela, juntamente com Elise Lensing (futura amante de Hebbel), possibilitou ao então jovem dramaturgo a permanência na cidade de Hamburgo e assim a sua formação. Muitos conflitos marcam, contudo, o relacionamento de Amalia Schoppe e Friedrich Hebbel.⁶

Antes de 1822, quando Amalia Schoppe atuava como educadora numa casa de nobres hamburgueses, trava contato com a educadora Rosa Maria Varnhagen, que se tornará uma amizade vitalícia. Rosa Maria era irmã do futuro famoso Karl August Varnhagen von Ense e viria a ser cunhada da ainda mais famosa Rahel Varnhagen.⁷

Além disso, pertence ao círculo de amizades de Amalia Schoppe o escritor Adalbert von Chamisso, que passou pelo Brasil numa de suas viagens, conforme é possível ler nas suas narrativas. Especialmente importante para a vida literária de Amalia é a presença do poeta Justinus Kerner em Hamburgo. Em maio de 1809, ele chega à cidade como médico para dar seqüência à sua viagem de formação profissional pela Alemanha.⁸ Inicialmente ele conhece Rosa Maria, que o apresenta a Amalia Schoppe. Até setembro desse ano, Amalia Schoppe e Justinus Kerner vivem uma intensa amizade literária.

Conforme Kurt Schleucher, é o poeta Gottfried August Bürger o primeiro contato poético de Amalia Schoppe. A ênfase trágica do poeta em “Héloise an Abälard” levaram Amalia Schoppe a escrever uma resposta em “Abälard an Héloise.” Depois de Bürger ela leu Schiller, os irmãos Schlegel, Fouqué, Klopstock e Novalis.⁹ Em Abril de 1810 Kerner escreve a seu amigo Ludwig Uhland que Amalia Schoppe é um ser maravilhoso, pois sabe falar de música, poesia e pintura como Deus. Segundo ele, é impossível imaginá-la sem pensar em Novalis.¹⁰

Ao final do ano de 1811, Justinus Kerner publica, com o apoio de seus amigos de Tübingen Ludwig Uhland, Gustav Schwab e Karl Meyer, o *Poetischer Almanach für das Jahr 1812* na editora de Gottlieb Braun, em Heidelberg. O livro deveria reunir poetas românticos populares do norte e sul da Alemanha. Desta forma, o amigo dá a Amalia a oportunidade de publicar algumas de suas poesias.¹¹ Assim Kerner abre uma vertente que nunca mais secará. Uma vez estimulada a escrever, Amalia nunca mais deixará esta prática...¹²

Depois da estréia na lírica, Amalia Schoppe ocupar-se-á principalmente de prosa. Na *biografia geral alemã* (Allgemeine Deutsche Biographie) lê-se que a autora nem sempre foi fiel à narrativa nos seus romances e que muda os heróis a seu bel-prazer.¹³ A maior parte de suas obras é dedicada à juventude, mas a temática de alguns de seus romances certamente não deve ter interessado somente aos jovens, mas também a leitores adultos. Amalia Schoppe escreveu mais de 180 obras. Destaque merece aqui o fato de Amalia Schoppe ter vivido já na primeira metade do século XIX, juntamente com seus filhos, da sua atividade como escritora.

No ano de 1828, quando foi publicado o seu livro sobre a emigração alemã para o Brasil, Amalia Schoppe ainda está no início de sua atividade como escritora. O seu romance sobre a emigração alemã para o Brasil, *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (1828), recebe uma segunda edição em 1852 e é também seu livro mais vezes traduzido: uma vez para o tcheco (Praga, 1830). Na França, o seu livro parece ter tido uma recepção muito positiva, uma vez que teve 27 edições entre os anos de 1830 e 1919, como é possível comprovar na *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487 – 1944*.¹⁴

Na época da publicação de seu livro sobre a emigração alemã para o Brasil, a autora não tinha maiores contatos com a temática da emigração alemã. A

proximidade da então porta alemã para o mundo – o porto de Hamburgo – por onde Amalia Schoppe passeava e conversava com Justinus Kerner sobre a literatura e sobre o mundo, certamente encheram-na de bons sentimentos em relação à distância. Essa sensação de liberdade e de possibilidade de sair para o mundo que o porto então lhe transmitia pode ter sido fundamental para Amalia Schoppe decidir, já na sua idade madura, emigrar para os EUA, onde estava seu filho.¹⁵

3 A obra *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*



A seguir propomos um breve resumo do enredo, visto que um dos objetivos deste artigo é também tornar a obra do início do século, que tem por tema central a emigração de alemães para o Brasil e sua vida neste país.

Enredo:

Dos países na América para onde os europeus, movidos pela grande carência de recursos e pela febre da emigração, sentiram-se atraídos para reiniciar as suas vidas e projetarem um futuro melhor, o Brasil estava entre os primeiros objetivos. O grande país sul-americano atraía para lá muitos europeus com promessas esperançosas, as quais, porém, não poucas vezes podiam ser satisfeitas. Apesar de esperiências frustradas, muitos alemães continuaram tentando a sua sorte no Brasil.

A família Riemann, do estado alemão de Württemberg, não pretende procurar sua sorte incerta em algum lugar distante. Eles vivem numa área arrendada. Somente a pequena casa, uma cabana, juntamente com a pequena horta, parte da herança do pai, faz parte de suas posses. E sobre esses poucos bens ainda recai uma grande dívida.

A situação é bastante complexa, de modo que o velho Riemann não sabe mais como dar alimento e moradia para seus filhos. A sua religiosidade faz com que busque resposta para tudo na palavra divina. Certo dia, no caminho para casa do trabalho, ouve vozes cantando ao longe. São homens, mulheres e crianças a cantar uma música popular muito conhecida por toda parte: “O Brasil não é longe daqui...” São em torno de oitenta pessoas, todos vão descalços, em parte para melhor conseguir andar ou então para economizar os calçados; há pobreza clara entre eles. Eles pretendem emigrar para o Brasil via Holanda.

De um homem do grupo o velho Riemann vem a saber que eles pretendem tentar sua sorte naquele país, onde devem existir, conforme lhes foi assegurado, montanhas de ouro e prata à luz do dia. Não encontrando ouro, contudo, então deve haver terra suficiente para braços trabalhadores.

A esposa do velho Riemann já havia morrido há tempo. Com ele moravam ainda sua filha Margarethe juntamente com seu pequeno filho, cujo pai morrera recentemente. Além deles, moravam na mesma casa o filho mais velho, Conrad, e a pequena Anna e Wilhelm.

A idéia de deixar a terra natal é muito difícil para todos, menos para Conrad, que está disposto a iniciar uma nova vida longe da sua terra. É bastante doloroso para todos deixar para trás o jardim, a cerejeira e o sabugueiro, e também não mais poder ver a sepultura da querida mãe. O filhos, porém, apoiam o pai.

Eles vendem a casa e tudo que não lhes pode vir a faltar, o pai paga as suas dívidas, despede-se de amigos e conhecidos da região, e juntos partem para a Holanda. Com 300 Thalern¹⁶ a família de seis pessoas deveria conseguir a passagem para o Brasil.

Conrad deveria ir à frente e resolver todas as questões para a família no porto, para não terem que permanecer muito tempo na cidade portuária. O jovem resolveu tudo com o capitão do navio e por 200 Thaler todos deveriam chegar ao Rio de Janeiro. Não foi dito aos outros membros da família, contudo, que Conrad foi convencido pelo capitão a assinar um documento, segundo o qual Conrad seria vendido por ele como escravo logo após a chegada no Rio de Janeiro. Sem isso teria sido impossível à família pagar as passagens.

O lugar destinado para eles no navio era mínimo e, além disso, muito abafado e a comida era ruim. Por esses motivos, o filho de Margarethe não completa a viagem. Ele morre em decorrência, principalmente, da falta de alimentos apropriados e de ar puro e saudável para uma criança.

Pouco depois da chegada no Rio de Janeiro, o pai e os irmãos vêm a saber com grande tristeza que Conrad deve ser vendido na feira de escravos. Conrad havia se deixado convencer e precisaria aceitar as regras do contrato. O pai ainda apela para a compaixão do capitão para que liberte seu filho, mas suas tentativas foram em vão. Conrad é vendido a um guarda dos jardins imperiais.

A família Riemann também precisa se deslocar à casa do governador, onde devem acontecer os sorteios dos lotes das famílias. Riemann ganha uma área no Distrito de Exploração de Diamantes, junto ao Rio Gigitonhonha. Do secretário do governador, o velho Riemann sabe que acabara de receber uma ótima área de terras. Ele não deve, contudo, nunca comprar diamantes dos negros que trabalham nas minas, pois a pena para tal delito é de morte. Além disso, ele é informado pelo secretário, um descendente de alemães chamado Dankwart, que ele deve providenciar todos os implementos necessários para lavoura e para a construção da casa, porque o governo não dará nada além das terras. Sem recursos financeiros é impossível começar algo no Brasil.

No dia seguinte, inicia a viagem da família para a sua nova terra. Eles se dirigem a uma cidade menor, onde devem receber de um outro governador informações sobre sua terra. De lá são conduzidos por um negro até a sua área de terras.

Na sua nova terra, os imigrantes alemães não têm nada além da certeza que estão na área que agora lhes pertence. Na primeira noite, eles precisam improvisar, mas no dia seguinte iniciam logo a construção da nova casa. Aos poucos, conhecem sua terra e iniciam a nova vida no Brasil. Muitas vezes, o pai e os irmãos pensam no irmão que está no Rio de Janeiro.

Depois da primeira viagem à cidade mais próxima para comprar algumas coisas e também vender os primeiros produtos colhidos, o pai e Wilhelm conhecem um soldado alemão, Klaus, que está a serviço do governo brasileiro. Nele eles têm alguém que os auxilie nas dificuldades lingüísticas na hora das negociações. Essa primeira experiência no mercado no Brasil foi muito motivadora para os dois, que regressaram felizes para casa.

Depois de não muito tempo, os novos habitantes das proximidades do Gigitonhonha já têm uma vaca, uma cabra e papagaios; Wilhelm faz painéis de barro para a casa e Margarethe organizou muito bem a casa, mas todos sentem falta de Conrad.

Na segunda visita ao mercado, os imigrantes encontram novamente Klaus e dessa vez ele tem algo especial para o velho Riemann. No primeiro encontro, o soldado soubera da triste situação de Conrad. Ele tem algo com que poderia ajudar o velho, um diamante que ele obtivera de um negro. Assim Riemann poderia vender a pedra preciosa e com o dinheiro comprar a liberdade de Conrad. O pai, contudo, não poderia usar desse meio ilícito. Além disso, tudo seria muito perigoso. Ele se lembra da conversa com o secretário na residência do governador. Ele agradece a Klaus pelo seu interesse, gostaria, porém, de resolver tudo de uma forma bem diferente: ele quer devolver a pedra preciosa ao imperador. Ele propõe ir ao Rio de Janeiro com Klaus para reorganizar toda a situação.

No Rio de Janeiro Riemann procura o já conhecido secretário, pois ele sempre lhe havia dado boas e importantes informações. Riemann consegue falar com ele ao final do dia, quando ambos se encontram; Klaus havia permanecido na pensão. Velho Riemann conta a história a Dankwart. Ele propõe que Riemann fique primeiramente com a pedra e que se procure a imperatriz, pois a austríaca é mais aberta e é mais compreensível para com os imigrantes no Brasil. O secretário pretende discutir tudo com ela e no dia seguinte deve procurá-lo novamente para ver como transcorreram as conversas. Ele retorna à pensão e no dia seguinte ambos, Klaus e ele, vão procurar o secretário. Lá eles ficam sabendo que a imperatriz quer falar com eles, com o secretário, Riemann e Klaus.

Exatamente à hora marcada, os três homens estão no jardim. Riemann está nervoso porque sabe que seu filho trabalha em algum lugar por ali. O secretário está nervoso, por não saber o que pode resultar dessa conversa. E também Klaus está preocupado, pois entregou a pedra para Riemann. A imperatriz, porém, está bastante satisfeita com o forma como os envolvidos resolveram a questão e por isso todos devem ser recompensados pela sua honestidade: o secretário deve receber uma função nova e melhor; Klaus deve receber uma área de terras, por ser esse o seu sonho. Ele deve ser o novo vizinho da família Riemann. Enquanto a imperatriz fala da recompensa de Klaus, aproxima-se um grupo de escravos e entre os negros havia um branco, Conrad. A imperatriz e os homens não o percebem por estarem compenetrados na conversa, mas Conrad reconhece seu pai. Ele corre até ele e o

abraça, chorando. A imperatriz não entende o que está acontecendo e por isso pergunta aos outros homens quem é o jovem. Eles contam a trágica história para a senhora enquanto os dois conversam em choro. A história comove a senhora e nesse mesmo instante ela o declara livre. Esta é a maior recompensa que o pai poderia receber. Apesar disso, a imperatriz quer auxiliar o agricultor recém-instalado às margens do Gigitonhonha com material para o trabalho. Esse é um dia fantástico para pai e filho. Agora, finalmente, Conrad pode conhecer a nova terra, pela qual ele deixou a sua terra natal para trás.

Os três outros filhos já estão preocupados em casa, pois o pai já está fora há alguns dias. Ele não compartilhou com eles que pretendia trazer Conrad junto com ele para casa. Finalmente se aproximam três homens ainda muito longe na estrada. Mas quem seriam os três, perguntam-se eles. Klaus, o pai e quem seria o terceiro? Grande é a alegria quando reconhecem o irmão. De alegria nem sabem por onde começar a contar as histórias vividas na nova terra. São tantas as novidades que querem compartilhar com o irmão. Agora, porém, têm tempo suficiente e podem narrar calmamente tudo que já viveram na nova terra.

4 Dois aspectos da obra. Breve análise

4a A imagem de Brasil dos futuros imigrantes alemães

„Brasilien ist nicht weit von hier, ...“¹⁷ O Brasil não é longe daqui, mais longe, contudo, que os Estados Unidos. Essa frase, verso de uma canção alemã, tinha a função de despertar o interesse dos alemães para o país sul-americano. Além disso, ela soa libertadora em relação à ingrata pátria. No Brasil, pelo menos terão mais oportunidades.

No conto de Amalia Schoppe, a frase chamou a atenção de Riemann, que ouviu um grupo de cerca de oitenta pessoas passar em direção à Holanda, cantando. Ele pergunta:

“Para o Brasil, portanto?”

“Sim, para o Brasil; aqui teríamos que morrer de fome, pois a terra não mais quer nos alimentar; por isso queremos procurar a nossa sorte na terra onde deve haver montões de ouro e prata à plena luz do dia, como muitos nos garantiram. E, também não achando isso lá, pelo menos temos certeza, que há terra suficiente – e em abundância – para pessoas trabalhadoras, e que lá não precisamos morrer de fome.”¹⁸

O Brasil destaca-se aqui pela imagem de Eldorado, da mesma forma como também foi visto por muito tempo durante o século XIX. Todos os emigrantes procuram seu Eldorado (nesse caso compreendido como uma melhor chance de vida em relação ao país deixado para trás) e, depois que as notícias das primeiras minas de ouro e prata no continente americano ganharam o mundo, “também no Brasil era possível encontrar ouro e prata pelas ruas.”

Os agentes de emigração obviamente tiveram grande interesse na divulgação dessas informações. No conto de Amalia Schoppe, a ação dos agentes de emigração, contudo, não teve maior importância. É interessante a constatação de que os colonos em geral já sabem que, caso não encontrem ouro, eles têm a possibilidade de

trabalhar numa área de terras própria, pois o Brasil ainda dispõe de muita terra desabitada, própria para o trabalho de pessoas que queiram fazê-lo.

O pai da família Riemann compartilha aos filhos as informações sobre as aparentemente boas condições do império brasileiro:

Vocês sabem que o imperador do Brasil oferece apoio às pessoas trabalhadoras, que vierem a seu país para trabalharem a terra, até dá sementes e implementos de trabalho porque o seu grande império não é suficientemente povoado e, além disso, os nativos não têm conhecimento de plantio da terra...¹⁹

Ao leitor não é informado, contudo, através do texto como Riemann chegou a essas informações. Elas certamente provêm das atividades dos agentes de emigração, que no conto de Schoppe não têm espaço e também não são mencionadas. No texto, o leitor também é informado que nem todas as promessas são cumpridas. Isso é transmitido por um descendente de alemães (deutschstämmige), o secretário do governador no Rio de Janeiro, Dankwart, ao entregar a documentação das terras a Riemann. Nesse momento, Dankwart diz para ele: “providenciem, se vocês tiverem dinheiro, todos os implementos que vocês precisarem para a lavoura assim como o material necessário para a construção da casa, pois senão terão dificuldades porque não lhes é dado nada, nada além da terra.”²⁰

A não manutenção de promessas por parte do governo brasileiro também passou a fazer parte da imagem de Brasil no século XIX para futuros emigrantes alemães. Nesse caso, concretiza-se uma imagem negativa do Brasil, principalmente em se tratando o país por seu objetivo de atrair imigrantes. Apesar disso, a imigração cresceu em números.

4b O Brasileiro na visão do imigrante alemão

O que é um brasileiro, principalmente no século XIX? Ainda hoje constrói-se muitas vezes uma imagem errônea de brasileiro, a qual frequentemente é baseada na imagem construída no período da emigração. Não pretendemos aqui tentar fazê-lo, mas mostrar como é descrito no conto de Amália Schoppe.

No conto de Amália Schoppe, o brasileiro praticamente não desempenha função. Quem é o brasileiro no conto? Na obra, o habitante primitivo, o indígena, não participa da história. Os imigrantes alemães encontram somente portugueses, escravos negros da África e emigrantes europeus, e por isso encontram muitos conterrâneos.

Para a família Riemann estava claro que o princípio no Brasil não seria fácil, principalmente porque não dominavam a língua portuguesa. Isso, contudo, não viria a ser o único problema, pois pelo que estavam informados sobre os brasileiros, nesse país todos pensavam somente nos ganhos, sendo que os meios e os caminhos para se chegar a eles são totalmente indiferentes para as pessoas.²¹ Também o narrador já enfatiza esses aspectos negativos antecipadamente, dizendo que já se sabia de experiências deprimentes da ganância dos habitantes desse país e que deles nada existia de amor para o próximo e de amor cristão. Conforme o conto, o habitante nativo, o brasileiro e o português, tratam não somente os escravos de forma

desumana, mas também os estrangeiros; nesse caso, os alemães são tratados de forma pouco amável e com indiferença.

Completamente diferente, contudo, é a realidade, onde trabalha um alemão, por exemplo o secretário Dankwart. O velho Riemann vê como os brasileiros tratam mal as pessoas no escritório. Ele, porém, tem sorte, pois é recebido por um compatriota: “quão sério, mas também amigável ele era! Como ele auxiliava onde podia, como orientava de forma amável as pessoas que haviam se enganado, como ele gostava de dar a informação pedida aos equivocados!”²²

As dificuldades em que se encontra Riemann por causa do diamante podem ser solucionadas somente pela imperatriz Leopoldine. Somente ela pode tirar os três homens dessa complicada situação, pois como afirma o secretário: “como se sabe a jovem imperatriz é uma alemã, nossa querida conterrânea. Ela ama a sua terra natal e protege, assim como pode, os alemães.”

Em algumas situações, Amalia Schoppe possibilita uma aproximação entre os imigrantes alemães e os brasileiros – no caso não os indígenas, mas “outros brasileiros.” A língua, porém, é sempre o problema para que esse contato se concretize. Na voz do próprio narrador esse aspecto é enfatizado: “vejam crianças, essas são as vantagens que nos possibilita o estudo de línguas estrangeiras, [...] Kaiser Karl V. – se não me engano era esse o príncipe – dizia que uma pessoa que compreendia quatro línguas diferentes valia por quatro, ...”²³

Contudo, no conto de Amalia Schoppe tudo funciona melhor quando os imigrantes alemães podem se organizar e se entender entre eles. Amalia Schoppe deseja conscientemente, no seu livro publicado em 1828, a não integração dos emigrados com os brasileiros nesse período. É interessante contrastar a conclusão acima com o fato de a produção literária do período da Literatura Alemã denominado Biedermeier tematizar a instrução, a moral cristã e a união da família. Como poderiam os alemães, influenciados pelas correntes de pensamento de sua época, integrar-se com pessoas totalmente diferentes em um mundo diferente, se é muito mais fácil relacionar-se com outros alemães? Muito claramente constata-se a distinção entre os bons alemães e maus brasileiros e portugueses no conto de Amalia Schoppe. Também a idéia de superioridade dos imigrantes alemães ou a perspectiva alemã como única e melhor são destacáveis na obra de Amalia Schoppe.

5 Conclusão

O conto *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*, pouco conhecido no Brasil, deve estar mais acessível ao público brasileiro por sua importância para estudos em diversas áreas, não se resumindo sua importância somente à área de Literatura. Temos, nesse conto, uma família alemã encabeçada por um pai muito religioso que emigra para tentar uma vida melhor num país distante da América do Sul. Além desse aspecto, a problemática do trabalho escravo está bastante presente. O fato de o conto ter sido escrito e publicado nos anos vinte do século XIX, por uma mulher, torna-o ainda mais importante.

Concluo que temos aí uma obra importante que merece mais atenção, também na Alemanha, onde o livro estava praticamente inacessível, mas graças à iniciativa da Universidade de Bielefeld foi digitalizado. Aqui no Brasil necessitamos de uma tradução do conto de Amalia Schoppe, a que me dedico no momento. Espero que essa possa ser minha próxima contribuição em relação a essa interessante autora.

Notas

¹ Trata-se aqui de parte dos resultados da minha pesquisa de doutorado, realizado na Freie Universität Berlin – FU-Berlin – de 2001 a 2004, com bolsa DAAD. A tese foi publicada em forma de livro pela Editora Peter Lang, na Alemanha sob o título *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert* (1800 – 1871).

² SCHOPPE, A. *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. Berlin: Verlag der Buchhandlung von C. F. Amelang, 1828.

³ Ver *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 32, Berlin 1971, 368-369; *Deutsche Biographische Enzyklopädie*, vol. 9, München 1998, 116; STOLLTE, H.

“Amalie Schoppe. Ein Beitrag zur Beurteilung ihrer Persönlichkeit”. In: *Hebbel Jahrbuch* 1963. Heide in Holstein: Westholsteinische Verlagsanstalt Boyens & Co. 1963, p. 149 – 179; SCHLEUCHER, K. *Das Leben der Amalia Schoppe und Johanna Schoppenhauer*. Darmstadt: Turris-Verlag, 1978.

⁴ Ver SCHLEUCHER, K. 1978 e CORTEZ, M. T. “Entre o Bem e o Mal – A representação do Brasil na novela *Die Auswanderer na Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* de Amalie Schoppe”, in: GROSSEGESSE, Orlando; KOLLER, Erwin; MALHEIRO DA SILVA, Armando and MATOS, Mário (Org.) *Portugal – Alemanha – Brasil. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch. Col. Hespérides, Literatura* 14, vol. 2, Minho: Centro de Estudos Humanísticos, 2003, p. 103 – 120.

⁵ Ver *LITERATUR-LEXIKON. Autoren und Werke deutscher Sprache*. Hg. von Walther Killy. vol. 10, Gütersloh: Bertelsmann Lexikon Verlag, 1991, p. 373.

⁶ Uma descrição mais detalhada desses conflitos é dada por STOLLTE, H. 1963, p. 149 – 179.

⁷ SCHLEUCHER, K. 1978, p. 21.

⁸ Ver SCHLEUCHER, K. 1978, p. 24.

⁹ Idem, 1978, p. 31.

¹⁰ Ver SCHLEUCHER, K. 1978, p. 33.

¹¹ Idem, 1978, p. 45 – 49.

¹² Idem, 1978, p. 41.

¹³ *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 32, Berlin 1971, p. 369.

¹⁴ BIHL, L.; EPTING, K. (Org.). *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487 – 1944*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987, vol. 1, p. 321; p. 480-481 e vol. 2, p. 708. Ver também SCHLEUCHER, K. 1978, p. 489 – 496.

¹⁵ SCHLEUCHER, K. 1978, p. 28.

¹⁶ Optamos por manter aqui a forma monetária alemã da época. 1 Taler, uma moeda de prata, equivalia a 3 Marcos do Império.

¹⁷ A frase encontra-se em praticamente todas as obras relativas à emigração alemã para o Brasil, também na obra de Schoppe e Gerstäcker. No Brasil, Flora Süssekind publicou um livro sob o título *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁸ SCHOPPE, A. 1828, p. 7 – 9.

¹⁹ Idem. p. 12.

²⁰ Idem. p. 41.

²¹ Idem. p. 43.

²² Idem. p. 115.

²³ Idem. p. 56.